

As sagas dos camponeses letrados

Pesquisador argentino estuda sagas islandesas medievais, distintas de suas correspondentes europeias, tanto nas temáticas quanto na autoria

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

Membro do Grupo de Pesquisas Leituras da Escandinávia Medieval - coordenado pelo professor da UEL Lukas Gabriel Grzybowski - o pesquisador argentino Santiago Barreiro esteve na UEL, entre 11 e 13 de abril, para participar do II Seminário Internacional de Estudos sobre a Antiguidade e o Medievalo. Estudioso das sagas medievais islandesas, particularmente no século XIII, Santiago enfatizou a importância de compreender os textos como fontes históricas, que não são transparentes nem fidedignos, especialmente quando se trata de textos literários, como os que ele estuda, escritos às vezes séculos depois dos fatos narrados. O trabalho do pesquisador, segundo ele, é tentar reduzir a distância entre os textos e seus conteúdos.

Para não se confundir, o historiador pode recorrer a algumas ferramentas, como a Análise Literária, a Antropologia Social e a Filologia. Ou seja, a interdisciplinariedade é essencial. A Islândia é um país rico em registros literários, mas relativamente com poucos restos arqueológicos que poderiam fornecer perspectivas comparadas – tudo em razão das condições geográficas do país, que é insular, muito frio, vulcânico, sem vocação agrícola, e que hoje não chega a ter 400 mil habitantes.

Quando se fala em sagas, a ideia que vem à mente é de façanhas épicas de heróis corajosos; cavaleiros que enfrentam dragões e magia negra para alcançar algum objetivo nobre e altruísta. A Islândia medieval teve estas chamadas sagas lendárias, muito por influência de outros povos nórdicos com quem teve contato, mas tais influências, de acordo com Santiago, tem sido foco de debate dos últimos 200 anos. O que se pode afirmar, com serenidade, é que a cristianização da Islândia (no século XI) foi o fator crucial para o grande avanço da Literatura do país.

Tanto é que muitas sagas foram escritas em latim, e surgiram as chamadas sagas de santos. Curiosamente, a Islândia não tem



A cristianização da Islândia no século XI foi o fator crucial para o grande avanço da Literatura do país

nenhum santo católico até hoje, então os textos traziam a biografia de bispos nativos, enaltecendo-os. Semelhantemente ocorreu com sagas de reis, às vezes noruegueses: as sagas mais antigas falavam até de milagres realizados por eles; mais tarde, elas retratavam mais a vida privada e política dos monarcas. Santiago falou ainda de “sagas de mentira”, muito fantasiosas, e as “profeministas”, nas quais mulheres, sobretudo viúvas, desempenhavam papéis fortes e de coragem.

Camponeses - Mas as sagas que se destacam são as que narram assuntos mais reais, mais cotidianos, mais verossímeis. “São histórias de disputa por uma vaca, por exemplo”, ilustra Santiago. Ou disputas por feno ou bolsões de floresta, já raros na Idade Média islandesa. São as chamadas sagas de camponeses, num país com histórico de pecuária (suína e caprina, depois bovina e equina, e ovina, desde o século XV). O historiador conta que as sagas contemporâneas mantiveram o caráter verossímil, mostrando contradições e conflitos sociais, como conflitos entre ricos e pobres, ou mesmo ricos e ricos.

Pelo menos dois aspectos chamam a atenção nesta realidade. Primeiro, a preocupação da época em registrar tais eventos, atribuindo-lhes importância. Segundo, o fato de que tais sagas eram escritas por camponeses. O pesquisador observa

que, diferentemente dos camponeses da Europa continental, os islandeses eram letrados e comparativamente ricos. Claro que “ricos”, no século XIII, eram os camponeses que possuíam uma casa de terra com piso revestido de pedras.

Ainda assim, segundo o historiador argentino, os camponeses se orgulhavam de sua condição e muitos se consideravam descendentes dos deuses. Afinal, lembra Santiago, deuses como Thor eram divindades camponeses, nada sofisticadas como as versões dos quadrinhos ou do cinema. Os camponeses islandeses frequentavam escolas, tanto criadas por padres quando seculares, erguidas por camponeses mais ricos.

As sagas estudadas pelo pesquisador foram escritas em nórdico antigo, que originou muitas palavras do islandês atual, e em pergaminhos, uma tecnologia nova levada pelos missionários cristãos. Outra diferença, comparado a textos literários europeus da época, é que as narrativas islandesas não vieram, na maioria da tradição oral, mas surgiram diretamente na versão escrita, só com eventuais influências de histórias orais.

Cultura pop – A cultura escandinava chegou à contemporaneidade, e, como tantas outras, foi apropriada pela cultura pop. Para Santiago, esta apropriação cria distorções. Podem ser interessantes, mas não se deve esquecer de que são

produtos de cultura pop, e ele enfatiza: “Um acadêmico não pode ser pop demais”.

O historiador observa que muitos romantizam e idealizam a Idade Média, e para estes um lembrete: “As séries e filmes não têm cheiro”. No outro extremo, estão os que equivalem a Idade Média à falta de banho e a um paganismo bárbaro. Santiago pondera que é preciso estudar a real Idade Média e evitar os estereótipos. E exemplifica: “os nórdicos se converteram ao Cristianismo por praticidade. E até a visão de paganismo veio depois da Cristianização”.

Ainda em relação às divindades, o pesquisador lembra: “Os deuses eram camponeses. Thor tinha cabelos e barba longos, ruivos, sujos e descuidados, e pouca inteligência. Tanto que Odin passava os dias rindo dos erros do filho”. Antes da Cristianização, sequer havia uma palavra em nórdico antigo para “fé”, pois a relação com os deuses não era baseado nela.

Com as runas é parecido: o alfabeto rúnico não se prestava a textos longos, como um livro de magia. Aliás, as runas tinham menos de magia do que qualquer outra função. Normalmente, eram usadas em túmulos ou urnas funerárias (“Aqui jaz Fulano”) ou para registrar uma autoria. Por exemplo: um artesão fabricava um pente e ficava tão satisfeito com o trabalho que escrevia nele, com runas: “Este pente foi feito por Fulano”.

Dragões - O interesse de Santiago Barreiro pelas sagas medievais islandesas tem origem há muitos anos, com Tolkien (autor de “O Senhor dos Anéis”) e outras leituras. Seu Mestrado foi em Estudos Islandeses, na Universidade da Islândia, e o Doutorado em História foi na Universidade de Buenos Aires. Atualmente, ele é pesquisador com Consejo Nacional de Investigaciones Científicas e Técnicas da Argentina e publica trabalhos sobre a medievalidade. Além das sagas, já publicou artigos sobre outros temas, como dragões. O que fazia parte da fantasia se tornou objeto de estudo – deve ser o sonho de todo pesquisador.